

**OS CAMINHOS DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E DA EDUCAÇÃO
POPULAR COMO FORMAS DE RESISTÊNCIA NA LUTA PELA
CONQUISTA DA TERRA DO ACAMPAMENTO VIVA DEUS DE
IMPERATRIZ/MA**

**THE PATHS OF COMMUNITY PSYCHOLOGY AND POPULAR
EDUCATION AS FORMS OF RESISTANCE IN THE STRUGGLE FOR LAND
CONQUEST AT THE VIVA DEUS CAMP IN IMPERATRIZ/MA**

**LOS CAMINOS DE LA PSICOLOGÍA COMUNITARIA Y LA EDUCACIÓN
POPULAR COMO FORMAS DE RESISTENCIA EN LA LUCHA POR LA
CONQUISTA DE LA TIERRA DEL CAMPAMENTO VIVA DIOS EN
IMPERATRIZ/MA**

Marcos Moreira Lira¹
João Lucas Bruno e Silva²
Rosaria Helena Ruiz Nakashima³

RESUMO

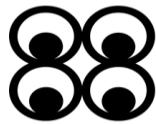
A Comunidade Viva Deus está inserida na reserva do Bioma Amazônico e surgiu a partir da orientação do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Imperatriz, com o objetivo de assentar 110 famílias na antiga Fazenda El Dourado, desapropriada pelo INCRA para fins de Reforma Agrária em 2003. A fazenda está localizada a 45 km da cidade de Imperatriz, na Estrada Padre Josimo, mais conhecida como "Estrada do Arroz". O objetivo é relatar de que forma a Psicologia Comunitária, em parceria com a Educação Popular, tem contribuído para a resistência e criação de estratégias na luta pela conquista da terra na comunidade. Temos como base a perspectiva de Psicologia Comunitária de Martin-Baró (1985, 1998), a Educação Popular de Paulo Freire (1967, 1987, 1996), as Trajetórias de Vida de Arroyo (2004) e a Mística de Bogo (2008). A metodologia se desenvolve a partir do Círculo de Cultura, Palavra Geradora de Freire, e da situação-problema-desafio de Barroso (2015), além de incluir pesquisa qualitativa e pesquisa-ação de Minayo (2001). A Comunidade Viva Deus resiste há 21 anos buscando a legitimação das terras e, através da Psicologia Comunitária, cria meios a partir do diálogo e da amorosidade para superar situações-problemas-desafios que impedem os moradores de se autocompreenderem e compreenderem o outro como companheiros na luta, promovendo uma relação social menos conflituosa entre eles. Apesar da instabilidade emocional, os membros da comunidade se tornaram mais fortes e resilientes frente à opressão governamental e industrial, fortalecendo seus conhecimentos, autorreconhecimento e autonomias individuais e coletivas.

Palavras-chave: Acampamento Viva Deus, Mística, Terra, Educação Popular, Psicologia Comunitária.

¹ Doutorando em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Norte do Tocantins, ORCID, marcos.lira@ufnt.edu.br.

² Especialista em Psicopatologia e Saúde Mental, UNISULMA, <https://orcid.org/0000-0002-7000-0300>, lucaksbruno@gmail.com.

³ Doutora em Educação, Universidade Federal do Norte do Tocantins, <https://orcid.org/0000-0001-7798-6363>, rosaria.nakashima@ufnt.edu.br.



ABSTRACT

The Viva Deus Community Camp is located within the Amazon Biome reserve and originated from the guidance of the Rural Workers' Union (STTR) of Imperatriz, with the goal of settling 110 families on the former Fazenda El Dourado, expropriated by INCRA for agrarian reform purposes in mid-2003. The farm is situated 45 km from the city of Imperatriz, on Padre Josimo Road, also known as the "Rice Road." The aim is to report how Community Psychology, in partnership with Popular Education, has contributed to resistance and strategy development in the struggle for land conquest in the community. Our foundation includes Martin-Baró's perspective on Community Psychology (1985, 1998), Paulo Freire's Popular Education (1967, 1987, 1996), Arroyo's Life Trajectories (2004), and Bogo's Mysticism (2008). The methodology involves the Circle of Culture, Freire's Generative Word, Barroso's problem-situation-challenge approach (2015), as well as qualitative research and action research according to Minayo (2001). The Viva Deus Community has resisted for 21 years seeking land legalization and, through Paulo Freire's Popular Education, has created means through dialogue and affection to overcome problems and challenges that prevent residents from understanding themselves and each other as companions in the struggle, promoting a less conflictual social relationship among them. Despite emotional instability, community members have become stronger and more resilient in the face of governmental and industrial oppression, enhancing their knowledge, self-recognition, and individual and collective autonomy.

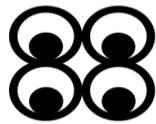
Keywords: Viva Deus Camp, Mysticism, Land, Popular Education, Community Psychology.

RESUMEN

El Campamento de la Comunidad Viva Deus está ubicado dentro de la reserva del Bioma Amazónico y surgió a partir de la orientación del Sindicato de Trabajadores y Trabajadoras Rurales (STTR) de Imperatriz, con el objetivo de asentar a 110 familias en la antigua Fazenda El Dourado, expropiada por el INCRA para fines de Reforma Agraria a mediados de 2003. La finca está situada a 45 km de la ciudad de Imperatriz, en la Estrada Padre Josimo, también conocida como "Estrada do Arroz". El objetivo es relatar cómo la Psicología Comunitaria, en asociación con la Educación Popular, ha contribuido a la resistencia y creación de estrategias en la lucha por la conquista de la tierra en la comunidad. Nuestra base incluye la perspectiva de Psicología Comunitaria de Martin-Baró (1985, 1998), la Educación Popular de Paulo Freire (1967, 1987, 1996), las Trayectorias de Vida de Arroyo (2004) y la Mística de Bogo (2008). La metodología se desarrolla a partir del Círculo de Cultura, la Palabra Generadora de Freire y el enfoque de situación-problema-desafío de Barroso (2015), además de incluir investigación cualitativa e investigación-acción según Minayo (2001). La Comunidad Viva Deus ha resistido durante 21 años buscando la legalización de las tierras y, a través de la Educación Popular de Paulo Freire, ha creado medios a partir del diálogo y la afectuosidad para superar problemas y desafíos que impiden a los residentes comprenderse a sí mismos y a los demás como compañeros en la lucha, promoviendo una relación social menos conflictiva entre ellos. A pesar de la inestabilidad emocional, los miembros de la comunidad se han vuelto más fuertes y resilientes frente a la opresión gubernamental e industrial, fortaleciendo sus conocimientos, autorreconocimiento y autonomías individuales y colectivas.

Palabras clave: Campamento Viva Dios, Mística, Tierra, Educación Popular, Psicología Comunitaria.

INTRODUÇÃO

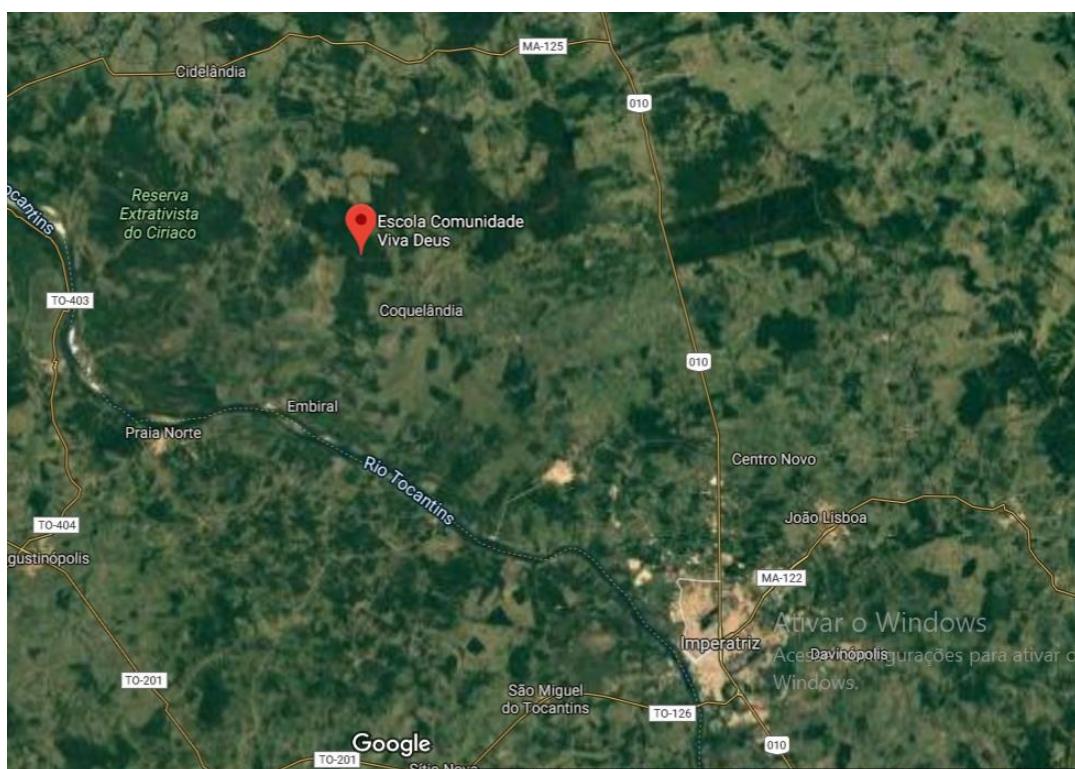


O Acampamento Viva Deus surgiu a partir da orientação da coordenação do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Imperatriz, que alocou as famílias da Associação na Fazenda El Dourado em meados de 2003. A fazenda está localizada a 45 km da cidade de Imperatriz-MA.

Os sujeitos da pesquisa são os acampados da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus e os educadores do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP). O objetivo é relatar de que forma a Psicologia Comunitária, em parceria com a Educação Popular, tem contribuído para a resistência e criação de estratégias na luta pela conquista da terra na comunidade.

O Acampamento Viva Deus é composto por 110 famílias, divididas em duas associações devido a divergências ideológicas e políticas no ano de 2009. Uma dessas associações, na qual desenvolvo a pesquisa, é a Associação de Agricultores Rurais Viva Deus, atualmente composta por 55 famílias. Ela está localizada na Estrada Padre Jósimo (antiga Estrada do Arroz), à margem esquerda do Riacho Viva Deus, e foi fundada em 13 de setembro de 2009, após o processo de divisão.

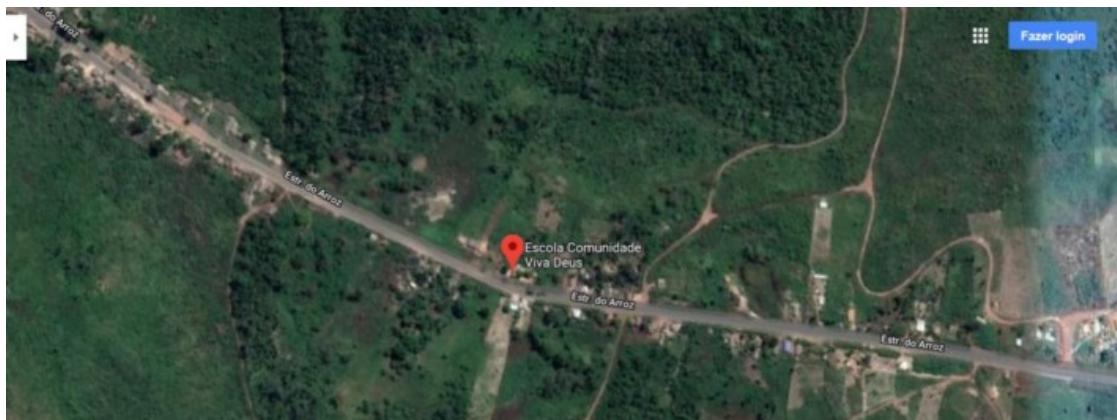
Imagen I – Localização do Acampamento Viva Deus



Fonte: Google Maps, 2019.

Observando a Imagem I, vemos que a Comunidade Viva Deus está situada na reserva do Bioma Amazônico, localizada entre Imperatriz, a BR-010, a Reserva Extrativista do Ciríaco, o Rio Tocantins e Cidelândia. A comunidade está acampada às margens da estrada Padre Jósimo há 21 anos, enfrentando a falta de água, energia, instituições de saúde e outras políticas públicas essenciais para a vida humana, como ilustrado na Imagem II.

Imagen II – Acampamento a beira da Estrada

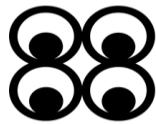


Fonte: Google Maps, 2019.

Nos últimos vinte e um anos, a comunidade luta para garantir a posse definitiva de suas terras e passar por um processo de Reforma Agrária. No entanto, enfrenta muitos obstáculos e um prolongado processo de resistência. O problema é que, durante essa luta pela conquista da terra, os idosos da comunidade estão vendo sua saúde biopsicossocial afetada. Eles enfrentam um combate direto com empresas como Suzano Papel & Celulose e Vale do Rio Doce. A maioria da comunidade é composta por pessoas idosas e, desde 2015, temos observado ataques de jagunços que envenenam suas roças e queimam seus barracões. Esse prolongado processo de resistência e a idade avançada provocam cansaço e irritabilidade, resultando em conflitos individuais e coletivos durante reuniões.

Portanto, problematizamos: de que forma a Terapia Comunitária Integrativa e a Educação Popular podem fortalecer a Comunidade Viva Deus na luta pela conquista da terra?

Os sujeitos da pesquisa são os idosos da comunidade, sendo os participantes da Terapia Comunitária um quantitativo de 50 pessoas. Buscamos compreender, com base na Psicologia Comunitária e na Educação Popular, como a mística na formação política,



alfabetização e bem-viver contribui para o empoderamento, a amorosidade e a dialogicidade desses sujeitos, fortalecendo-os frente aos conflitos por terra.

A fundamentação teórica da pesquisa inclui a Psicologia da Libertação de Martín-Baró e a Educação Libertadora de Paulo Freire, utilizando como metodologia a Terapia Comunitária Integrativa de Adalberto Barreto (2019) e a Educação Popular de Freire (1967, 1987, 1996). Utilizamos também os instrumentos da Educação Popular de Freire, como o Círculo de Cultura e a Palavra Geradora, além da Situação-Problema-Desafio de Barroso (2015), as Trajetórias de Vida de Arroyo (2004) e a Mística de Bogo (2008). A coleta de dados e observações se baseia na pesquisa-ação e na pesquisa qualitativa de Minayo (2001).

A Psicologia da Libertação de Martín-Baró (1996, 1998) e a Educação Popular de Paulo Freire (1967, 1987, 1996) estão interligadas por evidenciar como somos oprimidos dentro de um sistema capitalista dominante, que não beneficia as minorias, mas busca retirar sua liberdade. Essas perspectivas de libertação oferecem meios para alcançar conscientização e emancipação por meio de uma construção coletiva prática.

Com base no texto "Por uma Psicologia Comunitária Como Práxis de Libertação" de Nepomuceno et al. (2008), abordamos a Psicologia Social nas décadas de 70 e 80 na América Latina, que denunciava práticas inadequadas e influências europeias sobre realidades latino-americanas distintas. Surgiu a necessidade de uma psicologia adaptada à América Latina, focada no ser humano, no contexto sócio-histórico e na prática metodológica.

Nepomuceno et al. (2008) destacam que a psicologia comunitária surgiu dos movimentos sociais e profissionais de Saúde Mental Comunitária nas décadas de 60 e 70 na América do Norte e se desenvolveu na América Latina devido a uma crise e transformação na Psicologia Social. A desnaturalização da hegemonia é vista como o caminho para a libertação e autonomia de uma comunidade, desafiando a ideia de uma psicologia imparcial e criticando psicologias que favorecem o sistema opressor.

Freire (1980) concebe a práxis como um fazer científico que considera o processo interacionista entre o homem, seu saber, sua cultura e sua história. Dussel (1986) apud Nepomuceno et al. (2008) destaca a ética da libertação, análoga à consciência de classe, que implica a luta contra o sistema opressor. Montero (2005) apud Nepomuceno et al. (2008) enfatiza que a libertação se constitui através das relações humanas.

A libertação, segundo Martín-Baró (1998), é um movimento nas relações humanas, coletivamente e humanitariamente, que busca autonomia, solidariedade e justiça social por meio de um processo real de humanização, com a comunidade como agente de mudança.

A proposta de uma Psicologia Social da Libertação e Comunitária baseia-se em um novo “fazer científico” e uma “reconstrução epistemológica” das ciências sociais, buscando recuperar a noção de totalidade e compreensão da complexidade. Assim, os psicólogos comunitários devem integrar o “local” e o “global”, mantendo uma posição crítica frente à visão mecanicista e universalista do tempo histórico como linearidade previsível.

A Comunidade Viva Deus, através da Educação Popular de Paulo Freire e da Terapia Comunitária Integrativa de Barreto, poderá criar meios, por meio do diálogo e da amorosidade, para superar situações-problemas-desafios, que impedem os moradores de se compreenderem e entenderem uns aos outros como companheiros na luta, promovendo uma relação social menos conflituosa. Além disso, com estabilidade emocional, esses sujeitos se tornarão mais fortes e resistentes ao processo de opressão dos âmbitos governamentais e das empresas industriais, fortalecendo seus conhecimentos, autorreconhecimentos e autonomias individuais e coletivas.

Assim, o objetivo geral do artigo é relatar de que forma teórica metodológica e prática a Psicologia Social da Libertação e a Educação Popular influenciam na criação, reformulação e constituição de uma Psicologia Comunitária e Educação Libertadora para acampamentos sem terra que lutam pela fixação da terra.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS PRÁXICOS E EPISTEMOLÓGICOS

Tomamos como fundamentação teórica e prática a Psicologia da Libertação de Martín-Baró e a Educação Libertadora de Paulo Freire, utilizando como metodologia a Terapia Comunitária Integrativa de Adalberto Barreto (2019) e a Educação Popular de Freire (1967, 1987, 1996).

A crise da Psicologia Social deu origem à Psicologia Comunitária, pois a abordagem anterior era voltada para uma perspectiva positivista, que desconsiderava os fatores sociais como responsáveis pelo adoecimento mental. Em contraste, a nova perspectiva da Psicologia Comunitária adota uma abordagem epistemológica que

considera não apenas o adoecimento físico, mas também fenômenos biopsicossociais e espirituais (Barreto, 2019).

Essa abordagem se opõe às perspectivas eurocêntricas advindas do processo de colonização nas Américas e se reformula a partir da realidade local, territorial, cultural, religiosa e étnica. A Psicologia Comunitária integra a análise do social com o biológico, reconhecendo que não são fatores dissociados, mas partes de um complexo processo de causa e efeito.

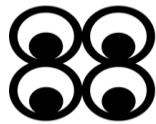
No contexto da crise da Psicologia Social, surge um novo paradigma, baseado em concepções filosóficas e epistemológicas sobre a atividade humana, que visa combater o objetivismo e promover o ponto de vista dos oprimidos. Esse novo paradigma considera o conflito como parte da ação humana e nos provoca a adotar uma concepção dinâmica e dialética dos seres humanos, visando promover autonomia e emancipação social.

A Psicologia Comunitária Libertadora, segundo Martín-Baró (1996, 1998), é construída a partir de uma perspectiva materialista histórico-dialética. Analisa os fatos não apenas como padrões sociais, culturais e históricos, mas como ações e histórias em constante construção e transformação. Embora os fenômenos se modifiquem com o tempo, eles mantêm suas constituições histórico-culturais, resultando em um processo dialético contínuo.

Baseada na mesma perspectiva materialista histórico-dialética, a Psicologia Comunitária analisa as relações sociais e os fatores biopsicossociais, não apenas em termos físicos e biológicos, mas também como reações influenciadas pelo sistema político-econômico e pelas relações sociais, como divisão do trabalho, gênero, raça, etnia e cultura, dentro das contradições sociais do capitalismo. Examina os acontecimentos a partir de uma perspectiva histórica que está sempre em transformação.

A Psicologia Social da Liberação, conforme Martín-Baró (1996, 1998), parte da ideia de que a liberdade do indivíduo surge quando ele se reconhece como um sujeito oprimido e se identifica com outros sujeitos da sua comunidade. Assim, a Psicologia Social da Liberação deve promover a emancipação e autonomia, permitindo que os indivíduos compreendam suas práticas sociais e constituições histórico-culturais.

Essa vertente da Psicologia contrasta com os graves problemas de injustiça estrutural e desigualdades sociais, que são exacerbados por sistemas capitalistas e reforçados através do trabalho. Martín-Baró (1998, 1985) introduz a categoria



“Realismo Crítico”, que critica o “Idealismo Metodológico” e revela que a Psicologia Social muitas vezes serve à classe dominante. O “Idealismo Metodológico” é um “reducionismo psicológico” que aborda os problemas sociais de maneira superficial e reduzida.

O “Realismo Crítico”, conforme Martín-Baró(1998), representa uma inversão marxista no processo de construção do conhecimento, fundamentado em uma ética de libertação coletiva, não apenas individual. A conscientização da opressão, como Paulo Freire (1996) aponta, é crucial para que os indivíduos e suas comunidades desenvolvam ações práticas para superar essa situação.

Outra categoria discutida por Nepomuceno et al. (2008) é o “Quefazer em Psicologia” e o “Quefazer Comunitário”, que visa compreender a construção dos sujeitos comunitários a partir da compreensão do novo sistema socioeconômico-cultural. É essencial adotar práticas pautadas na Educação Popular, mediadas pelo Diálogo, para que as decisões não sejam impostas de cima para baixo, mas sejam desenvolvidas de forma participativa e benéfica para toda a comunidade. O Diálogo é fortalecido e ganha eficácia quando aliado à Amorosidade.

A partir dos escritos de Freire (1967), comprehende-se que a Educação Popular é um “modelo” de educação que se comporta como uma estratégia de construção da participação de pessoas com interesses e objetivos comuns de aprendizagem e conquistas de direitos, na luta pela justiça social e equidade.

A Educação Popular, com base na obra de Paulo Freire (1967), busca beneficiar os sujeitos por meio de uma construção coletiva. Nesse processo, os participantes compartilham suas angústias, problemas, desafios e interesses, gerando conhecimento e aprendizagem. Esse processo permite que eles criem estratégias para superar as situações-problemas-desafios que enfrentam. De acordo com Barroso (2015), essas situações-problemas-desafios ajudam a compreender que a aprendizagem ocorre através de estratégias para enfrentar as barreiras ou dificuldades enfrentadas pelos sujeitos em seus contextos.

Além disso, o comportamento dos sujeitos é fortemente influenciado por suas trajetórias pessoais. Conforme Arroyo (2004), o educador deve entender os sujeitos para ajudá-los a compreender melhor a si mesmos.

[...] Somos profissionais do conhecimento, inclusive do conhecimento dos educandos, dos sentidos e sem-sentidos de suas trajetórias. Não é suficiente sermos expertos nos saberes de nossas áreas sermos ignorantes dos significados sociais, humanos de suas vidas [...] (ARROYO, 2004 p. 86).

Ou seja, é fundamental compreender as trajetórias dos sujeitos com base nas ideias de Arroyo (2004), levando em consideração que eles têm uma formação que inclui aspectos familiares, escolares (sejam formais ou não), religiosos (ou não), e que passaram por diversas experiências antes de se tornarem quem são hoje. Segundo Arroyo (2012), um educador popular deve compreender e respeitar esses sujeitos, pois eles são produtores de seu próprio conhecimento e saberes. Eles possuem seu próprio modo de organização e suas próprias “pedagogias”. Além disso, é importante reconhecer que cada grupo possui saberes distintos, que se originam da realidade e das particularidades de suas comunidades.

CAMINHOS METODOLÓGICOS TRILHADOS ENTRE TEÓRICA, PRÁTICA E REALIDADE

Partimos de uma perspectiva metodológica prática no Materialismo Histórico-Dialético, com base em Marx (2007), e na Constituição Histórico-Cultural, conforme Vygotsky (2001, 2003). Utilizamos os instrumentos da Educação Popular de Paulo Freire (1967), como o Círculo de Cultura e a Palavra Geradora, a Situação-Problema-Desafio de Barroso (2015), as trajetórias de vida de Arroyo (2004) e a Mística de Bogo (2008). Para a coleta de dados e observações, empregamos a pesquisa-ação e a pesquisa qualitativa de Minayo (2001).

Com base em Martín-Baró (1998), orientamos a realização de um trabalho em Psicologia Social da Libertação. Primeiramente, propomos uma nova perspectiva epistêmica, que visa o fortalecimento das bases populares, caracterizando-se como uma Psicologia Popular. Essa abordagem se fundamenta na construção social das situações-problemas-desafios das comunidades, conforme Barroso (2015).

Dessa perspectiva, surgiu a Psicologia Comunitária como práxis de libertação, uma metodologia baseada no materialismo histórico e no interacionismo dialético, com Martín-Baró como principal impulsor. Martín-Baró (1996, 1998), foi um destacado ativista em defesa de comunidades e movimentos sociais na América Latina.

Ele propõe uma Psicologia Social da Libertação que visa intervir nas desigualdades sociais e nas injustiças contra o ser humano em sua totalidade. Tal psicologia busca desnaturalizar os sistemas sociais impostos por agentes opressores.

A segunda ação envolve a recuperação da memória histórica dos sujeitos da Comunidade Viva Deus. Conforme Arroyo (2006), esse processo permite que eles se reencontrem em suas trajetórias de vida, ressignificando suas vidas e compreendendo que suas lembranças e ações são dialógicas e construídas ao longo do tempo. Esse reencontro promove o autorreconhecimento e o sentimento de pertencimento, permitindo que eles revisitem e ressignifiquem seus objetivos de luta e de vida.

A terceira ação refere-se à potencialização das virtudes populares, um processo de empoderamento dos sujeitos. Este reconhecimento dos saberes e das pedagogias dos indivíduos, conforme Arroyo (2004), considera os sujeitos como produtores de seu próprio conhecimento e saberes. Ao se apropriarem dessa perspectiva, eles expandem a defesa e a manutenção desses conhecimentos, vivendo e se constituindo a partir de suas próprias práticas e experiências.

Outra ação envolve a análise das organizações populares como instrumentos de libertação histórica. Essas organizações promovem a práxis e a conscientização, conforme Paulo Freire (1967), para que os sujeitos alcancem suas autonomias e emancipação individual e coletiva. O objetivo é confrontar o sistema de produção capitalista e promover uma revolução nas dimensões micro e macrossocial.

Com base em Montero (2004), a comunidade produz fenômenos psicossociais reativos ao contexto sociocultural em que está inserida. Em contrapartida, Góis (2008) afirma que entender esse processo é essencial para desenvolver intervenções que valorizem o potencial da comunidade em sua totalidade.

Nesse sentido, Góis (2005) sugere que a psicologia comunitária é um meio de empoderamento social, que desafia a hegemonia ao desnaturalizar as opressões através do processo de conscientização, alinhando-se às categorias freirianas em Educação Popular.

Como alternativa para a Psicologia Comunitária na Comunidade Viva Deus, destacamos a Terapia Comunitária Integrativa de Barreto (2019). Essa abordagem consiste em um processo de resgate identitário histórico-cultural, pertencimento, encontros, partilhas e construção de vínculos solidários. Embora não se configure como

um processo psicoterapêutico tradicional, também influencia os aspectos psicológicos dos indivíduos.

De acordo com Barreto (2019), a problematização é um aspecto pedagógico fundamental para o processo de autonomia da comunidade. A dialogicidade e os fenômenos comunitários funcionam como bússolas para o desenvolvimento da saúde e superação de desafios.

Para superar as barreiras enfrentadas pela comunidade, Barreto (2019) entende que a partilha de histórias de vida é crucial. Para compreender os contextos de educação e comunitário na Comunidade Viva Deus, realizamos um Círculo de Cultura com base em Paulo Freire (1967):

[...] O círculo se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social (p. 14).

No Círculo de Cultura realizado na escola da comunidade, os participantes apresentarão suas trajetórias a partir de temas geradores que refletem suas realidades e necessidades. Segundo

Barroso (2015, p. 185): "Por meio da experiência ativa, dialógica e dialética entre um sujeito e outro e suas múltiplas vozes, o ser humano é impulsionado a aprender, a desenvolver-se e a enfrentar as várias situações-problemas-desafios."

Dessa forma, a comunidade poderá compreender as causas de sua angústia, os temperamentos facilmente alteráveis e as doenças fisiológicas e mentais que enfrentam.

É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a "escola", autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de "professor" e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, "a de coordenar, jamais influir ou impor" (Freire, 1967 p. 11).

No Círculo de Cultura, rompe-se com a visão tradicional de educação, na qual os alunos são vistos como sujeitos passivos e o professor como sujeito ativo. Em vez disso, constrói-se uma educação popular, na qual os sujeitos, juntamente com o

mediador, formulam suas próprias metodologias, conteúdos e práticas de ensino, baseando-se em suas realidades e necessidades. No Círculo de Cultura, os membros da Comunidade Viva Deus realizaram textos coletivos, discussões, danças, práticas místicas, poesias, saraus e outras atividades lúdicas que estimularam o diálogo e a afetividade. Esses momentos permitiram que se reconhecessem mutuamente e desenvolvessem um senso de coletividade fundamentado na solidariedade e na união.

Os temas geradores trabalhados, com base em Paulo Freire (1967), abrangeram questões como educação, luta pela conquista da terra, saúde mental, solidariedade, diálogo, união, trajetórias, compreensão, estratégias, reflexão, prática, lazer, entre outros. Cada tema foi definido pelos membros da comunidade, de acordo com suas necessidades mais urgentes no momento.

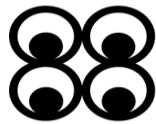
As categorias de Psicologia Comunitária e Educação Popular se encontram na construção de saberes próprios da comunidade, permitindo que seus membros se autorreconheçam como parte da história de formação dela. Esse fenômeno se solidifica durante as rodas de Círculo de Cultura e o uso de palavras geradoras.

Outro aspecto importante é a construção coletiva da mística, que busca devolver à comunidade uma atmosfera de afetividade e corresponsabilidade em relação às suas próprias construções de saberes e seus fenômenos biopsicossociais e espirituais. Esse processo contribui para a produção de conhecimento, pertencimento, bem-estar, resistência e criação de vínculos afetivos e políticos.

O trabalho ocorreu de maio de 2018 a julho de 2020, na qual, por meio do GEPEEP já estávamos acompanhando a comunidade desde 2014 por convite das lideranças da associação, e os encontros sempre realizados no barracão/escola do acampamento, na qual, cada técnica foi se construindo a partir do território e necessidades apresentadas pela comunidade, sendo realizadas um total de 10 rodas comunitárias integrativas. Com advento da pandemia as atividades foram pausadas até o momento (março/2025).

DISCUSSÃO E RESULTADOS PRÁXICOS

Martin-Baró (1998) recorre às comunidades para compreender suas bagagens e intensificar suas virtudes, reconhecendo que existe dentro delas um trabalho tanto



individual quanto coletivo. Ele considera que as próprias comunidades são o ponto de libertação para elas mesmas, lutando assim contra uma hegemonia desumanizante.

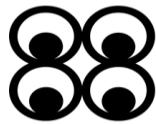
Nesse contexto, Martin-Baró foi um grande influenciador dos movimentos sociais, pois acreditava que o empoderamento da comunidade era fundamental para sua libertação. Ele destacava a necessidade de lutar contra o sistema de opressão, enfatizando a violência e o sistema de exploração capitalista, promovendo uma política de revolução e uma práxis científica crítica. Aqui, a psicologia deixa de assumir um papel passivo e passa a criticar as psicologias sociais que favoreciam o sistema de opressão, sinalizando a possibilidade de um “quefazer” que compreendesse seus próprios fenômenos.

Paralelamente, pudemos vivenciar essa sinalização de uma ciência possível através da Escola Comunidade Viva Deus. Lá, há uma vivência crítica da realidade, onde as relações histórico-culturais se estabelecem de forma que os moradores se veem como agentes de mudança de si mesmos, em busca daquilo que mais estimam – a terra.

Quando se fala em mudança, é importante expor a experiência para uma melhor concretização e percepção desse fenômeno. Nesse sentido, trazemos aqui alguns episódios que marcaram o componente de transformação da comunidade Viva Deus no que se refere às ações práticas das categorias descritas ao longo deste trabalho.

Destacamos a Mística do Abraço Acolhedor, uma prática que consistiu na estimulação do sentimento de corresponsabilidade na vida do outro através da afetividade. Os participantes puderam expressar suas considerações de afeto para com seus companheiros, amigos, cônjuges e com os integrantes do GEPEEP. Isso ocorreu através de um corredor humano, onde cada pessoa que passava por ele recebia uma demonstração de afeto de um membro da comunidade, ao som de uma música. Outro aspecto importante foi a construção de vínculos solidários, com o objetivo de minimizar os conflitos entre os moradores da comunidade.

Ainda nesse momento de mística e contato entre os participantes, muitos manifestaram a necessidade daquele momento, mesmo sem saberem explicitamente os objetivos principais da mística. Durante todo o processo, foi visível, através de falas e expressões, que todos estavam emocionados, promovendo o bem-estar comunitário, especialmente no que se refere ao processo de autorreconhecimento e pertencimento entre eles e para com os ideais da comunidade.



Ao final da mística, todos juntos cantaram uma música que evocava companheirismo e resistência, culminando no ponto alto da mística. Nesse momento, a prática foi encerrada com uma fala de significação positiva, envolvendo todos os presentes, o que gerou grande emotividade e expressão de afetos. As palavras mais repetidas durante o momento foram "Amizade", "Amor" e "União".

Outro momento de grande importância foi a vivência promovida pela comunidade Viva Deus, chamada “Festa da Colheita”, realizada pela segunda vez. A vivência foi organizada em conjunto com o GEPEEP, que levou acadêmicos de universidades e faculdades de Imperatriz para vivenciarem a comunidade e construírem saberes junto aos moradores.

A festa teve o objetivo de integrar os moradores da comunidade, partindo do contexto da Mística de Bogo (2008), promovendo uma percepção de pertencimento dos moradores em relação à sua luta pela terra, às suas histórias de vida e à constituição da comunidade, especialmente no que se refere às atividades de plantio, adotadas como um fator libertador e de resistência para a permanência no território. Diversas atividades artísticas e de compartilhamento de histórias e conhecimentos ocorreram, incluindo a participação do corpo acadêmico presente. Essas atividades sempre tiveram uma conotação de luta e resistência, enfatizando o empoderamento e os progressos alcançados pela comunidade.

Por outro lado, destacamos a mandala feita com as colheitas dos plantios que os moradores puderam realizar ao longo do tempo. Dentro da mandala havia mandioca, milho, abóboras, limões, arroz, feijão, mamão, artesanatos, entre outros elementos. O momento da construção da mandala foi uma oportunidade para os moradores se reconhecerem na história e na luta do outro, que é compartilhada e de extrema importância para todos.

Além da mística, a Festa da Colheita foi um momento de posicionamentos políticos e de exposição das necessidades da comunidade. Nesse aspecto, a comunidade demonstrou consciência de suas próprias capacidades de superação, conforme a situação-problema-desafio de Barroso (2015). Observamos que a psicologia comunitária libertadora estava intrinsecamente ligada a esses fenômenos, evocando as ideias de Góis:

A Psicologia Comunitária é uma disciplina que se orienta por uma práxis libertadora, a partir das próprias condições (atuais e potenciais) de desenvolvimento da comunidade e de seus moradores. O

fundamental é a compreensão do modo de vida da comunidade e a realização de seus potenciais de desenvolvimento pessoal e social (Góis, 2008, p. 78).

Sendo assim, tendo como bases fundamentais teóricas e práticas: a Psicologia Social da Libertação de Martín-Baró (1996, 1998) através da perspectiva de Psicologia Comunitária de Góis (2008), a Educação Popular de Paulo Freire (1967, 1987, 1996), a Situação-Problema-Desafio de Barroso (2015), as Trajetórias de Vida de Arroyo (2004) e a Mística de Bogo (2008), pudemos, enquanto GEPEEP e Viva Deus, fazer com que a comunidade assumisse ainda mais seu compromisso com sua constituição enquanto luta e resistência. Mesmo em um cenário opressor, a comunidade produziu saberes, sentimento de pertença, afetuosidade, compromisso, autorreconhecimento, autonomia e bem-estar numa esfera biopsicossocial-espiritual.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências na comunidade Viva Deus, esta pesquisa evidencia a integração entre a Psicologia Comunitária e a Educação Popular por meio de uma práxis que reconhece a comunidade como detentora de suas próprias potências transformadoras. Dessa forma, o trabalho desenvolvido possibilitou que a comunidade assumisse um papel de autonomia, cultivando relações afetivas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e construindo saberes essenciais para afirmar sua história de luta e resistência. Além disso, as místicas foram utilizadas como instrumentos de humanização e fortalecimento das intersubjetividades, contribuindo para a coesão comunitária e o reconhecimento das dimensões simbólicas e espirituais da resistência coletiva.

Neste mesmo contexto, esta pesquisa se apresenta como um meio de revelar à população e à comunidade acadêmica novas perspectivas no trabalho com comunidades tradicionais, levando em consideração o fator subjetividade. A construção intersubjetiva das trajetórias de vida dos moradores da comunidade Viva Deus é um elemento central que fundamenta e dá sentido ao movimento de luta e resistência, pois considera aspectos afetivos, espirituais, políticos, resilientes, de autonomia e libertação.

Assim, este artigo adota uma perspectiva contra-hegemônica de pesquisa e produção do conhecimento, fundamentando-se na pesquisa-ação e na Psicologia Comunitária, que têm como princípio a participação ativa da comunidade na construção

do saber. Diferente da abordagem positivista, que busca uma suposta neutralidade e objetividade distanciada dos sujeitos, essas concepções valorizam o conhecimento situado, construído coletivamente e em diálogo com as experiências concretas dos sujeitos. Dessa forma, essa perspectiva se contrapõe à tradição hegemônica da ciência ao reconhecer a intersubjetividade, a historicidade e o protagonismo das comunidades na produção de saberes emancipatórios. Esse entendimento nos permite compreender a comunidade como um espaço de transformação histórica e dialética, sustentado por uma postura dialógica baseada nas concepções freireanas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, André Andrade de. **Avaliação da microbiota bucal em pacientes sob uso crônico de penicilina e benzatina.** 2009. Tese (Doutorado em Cardiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. (2004). **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.
- BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia comunitária passo a passo.** 5^a Ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2019. 408p.
- BARROSO, Betânia O. **A constituição do sujeito de aprendizagem: uma perspectiva da aprendizagem situada na alfabetização de jovens e adultos no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP – DF.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18638/1/2015_Bet%C3%a2niaOliveiraBarr0so.pdf> Acesso em 9 de Novembro de 2019.
- BOGO, Ademar. **A Mística: parte da vida e da luta.** Método de trabalho de base e organização popular / Org. Setor de Formação - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 1^a. Ed. Secretaria Nacional MST. 2008.
- DANTAS, José Alves et al. Regulação da auditoria em sistemas bancários: análise do cenário internacional e fatores determinantes. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 25, n. 64, p. 7-18, jan./abr. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-70772014000100002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 27^a. Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1980.
- _____. **Educação como Prática da Liberdade.** 12^a Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
- _____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25^a Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

GÓIS, Cézar W. L. **Saúde Comunitária:** pensar e fazer. São Paulo: Hucitec, 2008.
260p.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. **O papel do psicólogo.** Natal: Estudos de Psicologia, 1996.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. **Psicología de la liberación.** 1ª Ed. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** 2 ed. São Paulo:
Expressão Popular, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEPOMUCENO et. al. **Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação.**
v. 39, n. 4, pp. 456-464, out./dez. 2008.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY. L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo:
Martins Fontes, 2001.

Submetido em: 07/08/2024

Aceito em: 28/03/2025